

JOÃO CUTILEIRO

Nasce em Lisboa

em 1937

João Cutileiro (n. Lisboa, 1937)

Deus Nosso Senhor sabia que eu lhe estava a fazer concorrência.¹

Com um sorriso jovem e aprazível, o escultor João Cutileiro recebe-me na sua casa-atelier, para me conceder uma entrevista a que prefiro chamar de agradável conversa. Perante um guião preparado previamente resultante da consulta de alguns dos catálogos que acompanharam as inúmeras exposições que já fez, a conversa desenrolou-se com leveza, um assunto levando a outro, como se formasse um círculo, sem princípio nem meio e nem fim.

Abstemo-nos de fazer uma nota biográfica do artista,² uma vez que não é o propósito do texto. O escultor já deu inúmeras entrevistas, já escreveu textos que acompanham alguns dos seus catálogos, sendo por isso ainda mais aliciante a minha missão de recolher o seu testemunho artístico.

Diga-se desde já que foi com um prazer imenso que estudámos a obra de João Cutileiro, pois para além dela, o escultor escreve, prosa e poesia, e também sobre a actividade escultórica em particular,³ facto que não é comum aos escultores portugueses, nomeadamente aqueles sobre quem tenho pesquisado.

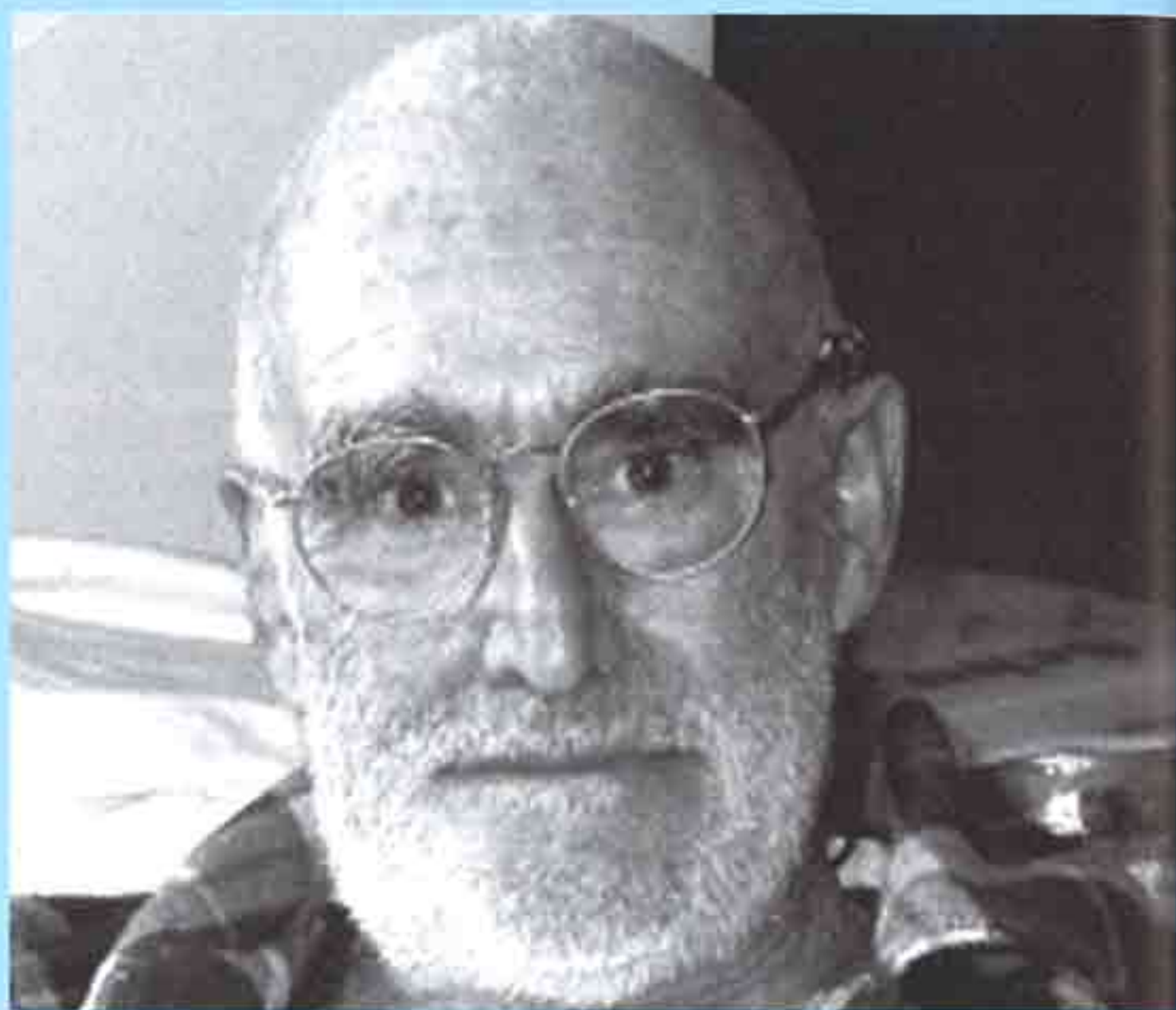
Olhos nos olhos, o escultor responde com a confiança de quem conquistou e se deixou conquistar pela vida e é isso mesmo que a sua escultura representa: a vida em toda a sua plenitude, quer ao nível do humano, com as suas *imperfeições harmoniosas*,⁴ bem como do vegetal, nas árvores e flores, sem esquecer o animal, perpetuando na pedra peixes e pássaros que bebericam na fonte ou beijam a flor.

¹ Entrevista concedida a Antónia de Sousa em 1989. Para aprofundar a afirmação ler o texto "Da Criação do Mundo" que acompanha o catálogo da Exposição da Galeria 111 em 1972.

² Nos muitos catálogos que consultámos essa biografia já se encontra feita. A título de exemplo veja-se *João Cutileiro: Exposição Antológica*, F.C.G. 1990 e *João Cutileiro: Macho-Fêmea*, Aveiro 2000.

³ Texto que acompanha o catálogo da exposição *Bestiário*, do escultor José Esteves, que ocorreu no ano de 1986.

⁴ José Saramago, *João Cutileiro*, Estocolmo 1998. O texto de José Saramago foi escrito para o catálogo da exposição *Amantes*.



João Cutileiro

A conversa tem início com a 1.^a Exposição que faz em 1951, com 14 anos, mostrando-me o panfleto de quatro páginas que a acompanhou! Com os proveitos obtidos da venda das peças, decide viajar para Florença nesse mesmo ano e a minha pergunta é qual a impressão que teve ao ver



Fig. 1 - Imagem Equestre

as esculturas de Miguel Ângelo. Responde-me que foi um choque quando viu a estátua de *David*, o original que se encontra na Academia. Ficou a tremer.

Avançamos no tempo e falamos do contacto que teve com Leopoldo de Almeida, seu professor nas Belas Artes, e com António Duarte, no atelier de quem trabalhou, afirmando João Cutileiro que sentia que a escultura que ambos faziam era para oprimir, quando *a minha reacção era não oprimir*. Assim, a sua obra escultórica encontra-se repleta de poesia e expressão em contraponto com a forma tida como ideal, tendo presente os temas da escultura clássica. Neste sentido, na homenagem que faz a Paolo Uccello,⁵ o escultor reinventa a temática da estátua equestre, fazendo do cavalo e do cavaleiro uma unidade plena de harmonia, o que talvez se deve à dimensão das peças.

Ainda no âmbito da temática da estátua equestre o escultor diz que após ter feito o *D. Sebastião*, que apesar de ter provocado celeuma acabou por ser aceite por uma nova geração de *tenocratas, até de direita, que gostavam desse espírito para a frente é que é o caminho em vez de nos sentarmos a proibir*, recebe a encomenda para conceber um D. Duarte para a cidade de Tomar. *E o D. Duarte tinha de ser a cavalo, A Arte de Cavalgar a toda a sela e então comecei a fazer maquetes. Entretanto nunca mais se falou no assunto e eu fiquei com 4 maquetes do D. Duarte todas a cavalo. E de vez em quando vinha-me a ideia de fazer uma equestre.*

Ainda no mesmo tema, vem a propósito o Monumento ao 25 de Abril, que foi colocado numa parte da peanha que Keil do Amaral havia deixado nos anos 50, para servir de base a uma estátua equestre. E é o escultor quem diz que *aquela peanha se vem ligar à minha vida muitos anos depois*, ao aproveitar uma parte desse mesmo pedestal. Perante a inviabilidade de retirar as colunas que o acompanhavam, o escultor confessa que *elas pesam-me...*

Da obra concebida para o espaço público, a conversa dirige-se para uma parte da sua escultura completamente distinta: o rosto humano. Fascinou-me o *Auto-retrato* que fez em 1970, o que não me parece ser de todo vulgar em escultura.

⁵ Em 1990 no Centro Cultural de S. Lourenço.

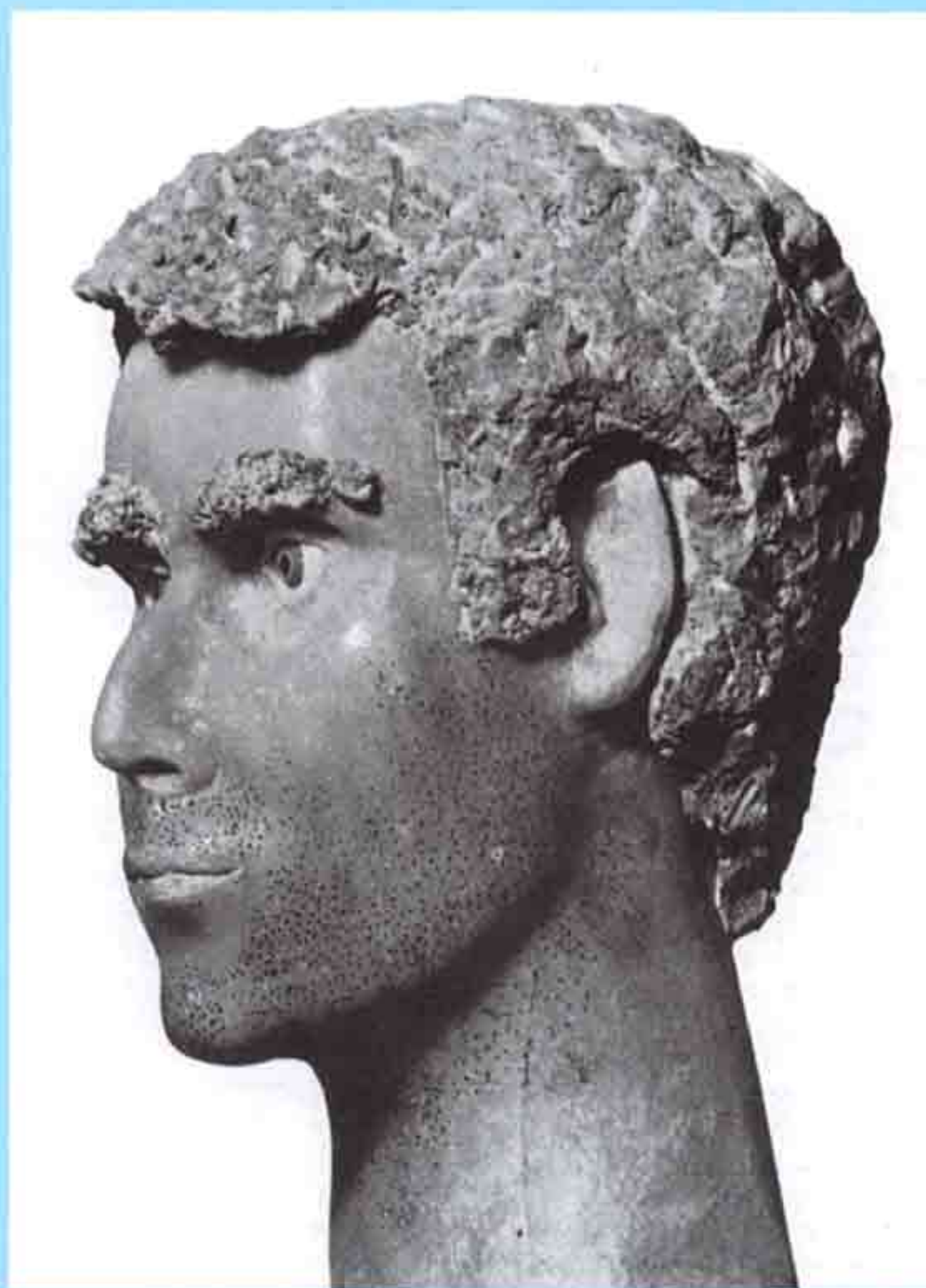


Fig. 2 - Auto-retrato

O próprio escultor diz que *Miguel Ângelo faz o seu auto-retrato em pintura, ou seja, enquanto pintor e não como escultor*. Refere que este auto-retrato foi feito numa época em que tentava descobrir o que podia sacar da pedra com as modernas tecnologias. Fez inúmeros retratos lembrando o de Júlio Pomar, José-Augusto França, Teresa Horta e Maria Velho da Costa. A escritora queria comprar o retrato e quando foi ter com o escultor para o adquirir ele ofereceu-lho. *Deu-me um grande gozo...eu gosto muito de fazer essas gracinhas sacanas. É preciso a prova. É como desejar muito uma mulher e ela um dia, bêbada, dizer "vamos para a cama". Não, quando não estiveres bêbada. É preciso a prova.*

E após a prova de que a peça escultórica é mesmo desejada, afloro a relação entre a escultura e a poesia, recorrente nos catálogos que acompanham as suas exposições.⁶ Perante o poema que

⁶ No album *Desejo* de 1984, o escultor ilustra poemas de Bocage, Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Carlos Queiroz, Armindo Rodrigues, Alexandre O' Neill, integrando também um poema seu.



Fig. 3 - Leda e o Cisne

Alexandre O'Neill lhe dedicou, pergunto se se conheciam pessoalmente. O escultor responde que *sim e com grande pena minha nunca lhe fiz o retrato, nem em escultura nem em fotografia*. Ao contrário do que acontece com José Cardoso Pires, de quem diz ter *o que eu considero um dos seus melhores retratos*. Ainda falando sobre o seu grande cúmplice Alexandre, vem à conversa a escultura que faz a partir do poema *Urgências*, uma belíssima peça escultórica, que o poeta viu somente em suporte fotográfico. Alexandre O' Neill tem mesmo um poema dedicado a João Cutileiro e o escultor escreveu um de homenagem ao poeta:

*Levanta da marreta,
Que não há tempo para mais, João!
A carne espera, mas a pedra não...*

Alexandre O' Neill

*Aquela curva já tem história
A porta da glória para nós já está aberta
Vamos à bica Alexandre
Que a morte é certa.*

João Cutileiro

Ainda no âmbito da poesia, tema caro ao escultor que possui inúmeros exemplares que me concedeu o privilégio de ler, importa dar a conhecer um em que o tema da escultura e da

pintura se interligam, como formas de registo que perduram perante a perenidade da vida:

*A C. Darwin
Pinte-se na parede rochosa
Duma caverna
Um bizonte
Atire-se uma flecha afiada
Contra a parede
Rochosa
Da caverna*

*Espera-se
Que na próxima surtida
Se tenha
A peça abatida*

*Encontre-se mulher
Goste-se dela
Faça-se para ela
Um soneto*

*Espera-se
Que na próxima saída
A mulher esteja
Por nós caída*

*O tempo passa
Que nos resta agora ?
O poema e parede pintada
Mais nada*

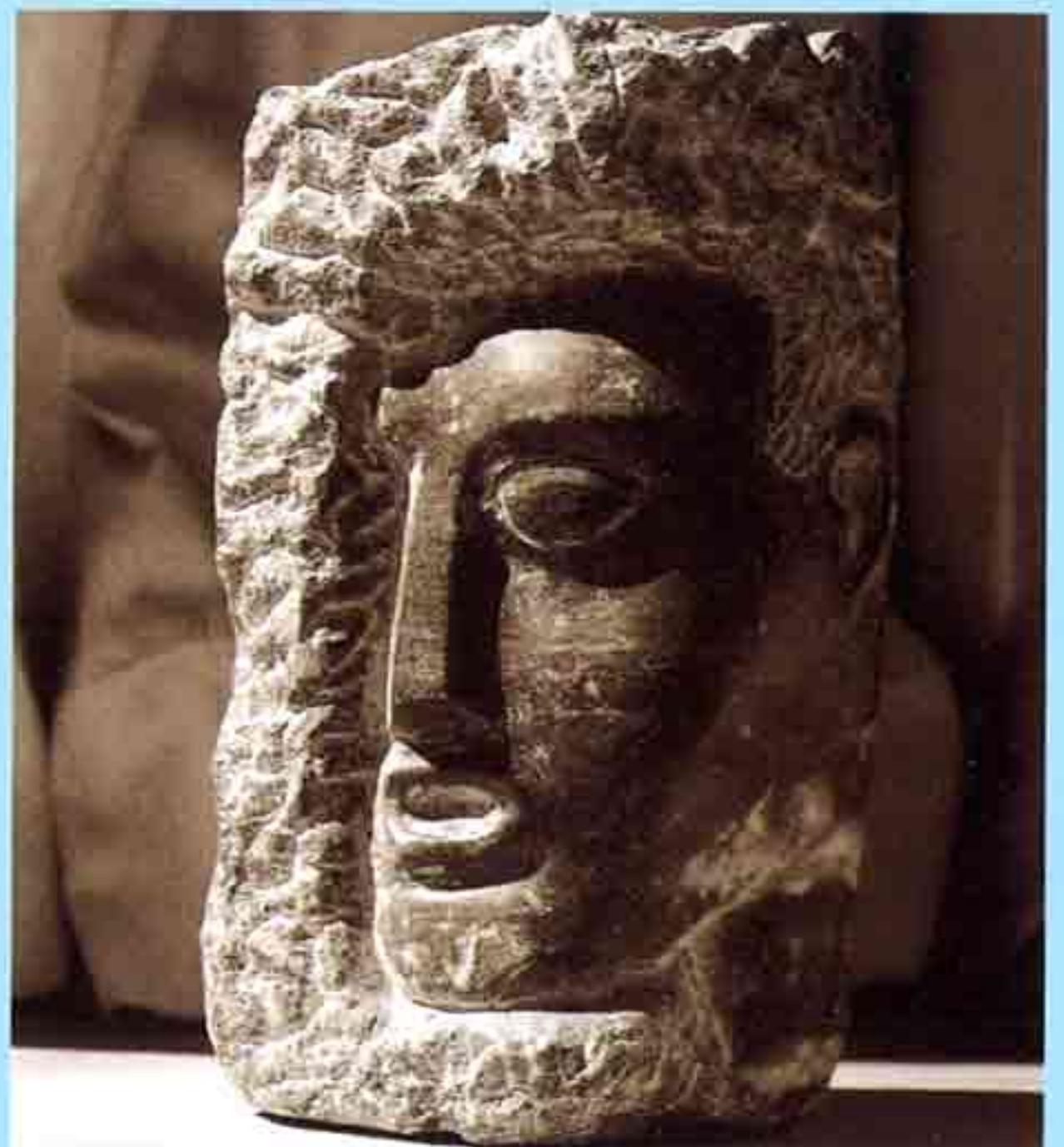


Fig. 4 - Cara em Ruivina

E da poesia passamos para um tema da mitologia erótica que é particularmente relevante na obra de João Cutileiro, *Leda e o Cisne* (1992, 40cm). Acerca desta peça, o escultor já havia dito que “nesta vi a escultura dentro da pedra e tirei-a”.⁷ Foi das poucas vezes em que isso aconteceu mesmo...É claro que eu estava mordiscando o tema. Lembra que este tema acompanha-o desde os tempos em que era estudante em Londres.

Durante as férias, tinha de ser feito um trabalho cujo tema eram duas figuras, escolhendo o escultor o tema de Leda e o Cisne, no acto.

Incomodado, o tutor, que era o escultor F.E. MacWilliam, diz-lhe: “*You’ve always been interested in fornication*”. E eu respondi: “*Aren’t you?*” O processo de criação é impossível não passar sempre por isso. Numa das muitas entrevistas que deu, já havia afirmado que a obra de arte está recheada de amor, e a forma tridimensional do amor é a genital. É muito difícil fazer uma escultura sobre amor platónico.⁸

A conversa continua com incidência sobre as exposições que mais me fascinaram como a que, curiosamente, fez no dia e no ano em que nasci. Evoco o texto do catálogo escrito por Fernando

⁷ Entrevista concedida a Antónia de Sousa em 1989.

⁸ Entrevista concedida a Maria João Avillez em 1983.



Fig. 5 - Urgências

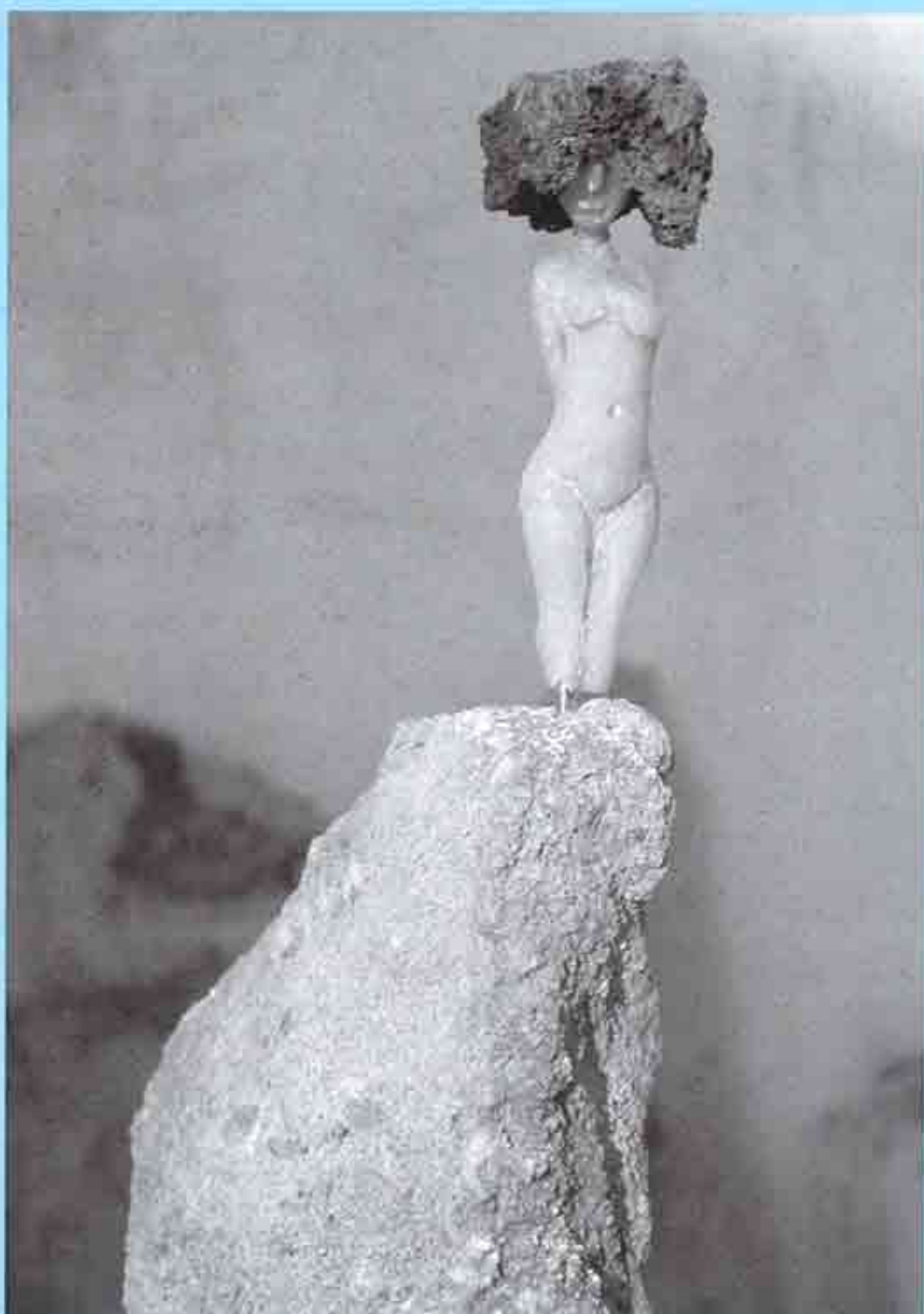


Fig. 6 - Sem título

Pernes⁹ e o escultor diz: *Eu ameacei o Pernes, nessa altura ele tinha uma grande actividade crítica emaranhada, daquelas masturbações intelectuais em que a crítica portuguesa é exímia. Quando soube que ia ser ele a fazer o texto do meu catálogo disse-lhe: “Não me obrigues a fazer uma escultura para explicar o teu texto”.*

E da crítica complexa questiono o artista sobre a afirmação de que a escultura é uma arte funerária,¹⁰ explicando João Cutileiro que *a minha afirmação é histórica. Verifico que a escultura, através dos milénios tem sido usada basicamente como forma de preservar a presença humana, ao contrário da dança e da música que é do momento. Fiz uma visita guiada à exposição de Henry Moore na Gulbenkian e falei que a sua escultura é particularmente funérea em comparação com um seu contemporâneo, Giacometti, que embora possa não parecer é extremamente vivo. As do Henry Moore são aquelas figuras jacentes...*

⁹ João Cutileiro, Galeria Zen, 1972.

¹⁰ O Nu e o Vestido: João Cutileiro no Museu Nacional do Traje, 1986, p. 4.

E a propósito de Giacometti: *Uma das grandes sensações de ver uma peça de escultura que eu tive na vida foi com uma peça de Giacometti numa exposição dele em Genebra. Era uma sala que tinha no meio uma peanha com uma protecção de vidro, e dentro tinha outra peanha mais pequena também com uma protecção de vidro, e dentro dessa outra ainda mais pequena e em cima uma peça minúscula. O resto da sala estava todo vazio.*

Voltamos à sua obra, particularmente aos artistas a quem o escultor dedica algumas das suas exposições,¹¹ como é o caso da Homenagem a Mapplethorpe que teve lugar em 1999. Relembro a afirmação que havia feito na altura de que esta é *a exposição mais completa que fiz, completa desde a coerência das peças, à iluminação, ao catálogo, às fotografias, tudo isso é uma unidade, é uma bola, e daí talvez uma das razões porque não me apeteça vendê-las.*¹² Pergunto se ainda hoje sente o mesmo e o escultor diz-me *estão todas cá. Não vendi nenhuma. Também, devo dizer, não tive fome...Quer vê-las?* Respondo imediatamente que sim e passamos para uma outra parte da vivenda onde, numa sala estão reunidas, inúmeras flores, sózinhas ou em ramos, evocando uma primavera constante. Magnífica a sensação de as vislumbrar e partilhar o mesmo espaço físico.

E das obras feitas para homenagear um artista que nos é particularmente fascinante, dirigimo-nos para a temática da obra feita sob encomenda. Pergunto como é trabalhar com um tema prévio e o escultor afirma que gosta. *É uma maneira de nos fazer sair...é como um amigo de quem eu gosto muito bater-me à porta e dizer-me: “vamos jantar”. De repente há uma sacudidela de uma rotina. E no que diz respeito à forma como a sua execução ocorre, refere a história que envolve a Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright, em que o encomendador telefona ao arquitecto e pergunta-lhe se se podem reunir para falar sobre o projecto. Wright pergunta a que distância é que ele está de sua casa e, perante a resposta de que se encontrava a três horas, o arquitecto responde: “Podes vir que o projecto está pronto”, e nessas três horas desenhou a casa. João Cutileiro confessa que: *Eu às vezes tenho**

¹¹ João Cutileiro-Homenagem a Paolo Uccello, 1990; João Cutileiro-Homenagem a Beughel, 1994.

¹² Expresso, 18.Dezembro.1999, entrevista de Alexandre Pomar.

vergonha de mostrar atempadamente aos clientes as maquetes que fiz, vergonha com medo de que eles não respeitem... Faço 4 maquetes e só três semanas depois é que digo "podes vir". Tenho uma história engraçada. Em 1993 numa exposição minha, na já falecida Galeria Valentim de Carvalho, o José Miguel Júdice diz-me que herdou a Quinta da Lágrimas e que gostava de a transformar num hotel, perguntando-me se eu não queria fazer uma Inês de Castro. E a imagem da Inês de Castro é arrepiante, romântica, delico-doce... Ia dizer que não e de repente fui visitado por uma imagem horrenda e perguntei: "Pode ser morta?" e ele disse: "Pode". Seis meses depois telefona-me para nos encontramos e falar sobre a peça e eu disse-lhe: "Podes vir que está feita". Foi só pegar nela e colocá-la no local, que eu nem sequer sabia qual era. Numa outra entrevista, João Cutileiro já havia afirmado que esta peça lhe havia dado um enorme prazer a fazer.¹³

Para culminar, não podíamos deixar de falar sobre o desenho, prática inerente e subjacente à arte da escultura. João Cutileiro fez exposições somente com desenhos,¹⁴ onde o traço sinuoso que forma a figura feminina toma conta do papel. No catálogo que acompanha uma dessas exposições¹⁵ o escultor escreve um texto que intitula de "Desígnios do Desenho-A propósito de DESENHAR",

onde diz que o risco dum objecto duro numa superfície mais mole, deve ter sido a primeira arte. Comecei a desenhar muito antes de poder lembrar. De joelhos no chão com um lápis riscando nas costas dos manuscritos já dactilografados pelo meu pai. Continuei sempre a desenhar registando tal como um condenado vai riscando na parede os dias que faltam para o cumprimento da pena, ou o naufrago que marca o número de dias que já esteve na jangada ou ilha deserta. Tento registar, sem esforço, duma maneira linear e simples, o que me vai na cabeça. Curiosamente o primeiro Nobel Português foi atribuído a alguém que encontrou uma maneira também visual, de registar o que nos vai na cabeça.

Para o escultor, o desenho é uma fotografia, no sentido em que esta é um registo, que mais tarde poderá dar lugar para outra coisa ainda, e essa coisa é que é linda (fruindo aqui das palavras de Fernando Pessoa). Nesse sentido, o escultor não cessa de desenhar, descobrindo no ser feminino, com o seu olhar de artista, o carácter, a verdade interior que transparece da sua forma.

A conversa jamais terminará, mas temos de encerrar a entrevista, permanecendo o fascínio pelo artista que apesar de considerar e, talvez por isso mesmo, que os portugueses têm fortes rejeições em fazer seja o que for com as mãos, enveredou pela bela mas pesada actividade física que implica a produção de uma obra escultórica.

Rita Mega

Évora, 14 de Agosto de 2007



Fig. 7 - Tâmega